

Existe esperança

Nada será como antes, afirmam os novos pensadores do comportamento humano e corporativo. Quase todos os pesquisadores, economistas, sociólogos, antropólogos, filósofos e expertises do tema estão engajados nesta luta por um novo caminho que possa sinalizar clareza no final deste túnel de incertezas. Até agora, muito tem sido feito para salvar vidas e dar sobrecarga de sobrevivência às empresas que estão em estado terminal, mas que empregam suas últimas forças para não soçobram. A luta intensa para escapar da quebra impõe robustas práticas de governança e aprimoramento da gestão para conquistar um lugar ao sol no novo cenário que se anuncia.

A quarentena forçada que a maioria dos estados brasileiros está impondo, incorporou profundas modificações nos hábitos de consumo e de comportamento, e nos leva a reflexão se o mercado ressuscitará com novos padrões, entronizando a era da digitalização das empresas e focando produtos e marcas para um ambiente de negócios mais preocupado com a proteção da saúde, de maior amplitude socioambiental e, quiçá, ajustado para uma era empresarial que não se sabe qual será.

Do jeito que o vírus se espalha é impossível prever quando esta terrível pandemia será domada. Mas, as estimativas mais otimistas indicam longo período de abstinência produtiva e de recolhimento do consumidor a sua ilha de proteção – o isolamento social – condição que permite garantir a manutenção da vida. Está difícil projetar o amanhã das nossas vidas e das empresas que, por acaso, sobram dessa tempestade sanitária.

Até o momento não há um porto seguro. O temor de um colapso na economia reduzindo o nosso PIB e a projeção de uma crise de longa duração e bem longe de um final mais condescendente, abalam a confiança do mercado, fazem a moeda americana disparar, criando um bolsão angustiante de vulnerabilidades para a retomada da produção e do emprego.

De que forma vamos atravessar esse momento de cenário nebuloso, com milhares de pessoas mortas ou infectadas e a possibilidade da existência da maior quebra de negócios e dizimação de postos de trabalho. Talvez seja essa a grande indagação de toda a sociedade.

No lastro dessa crise, o contágio na economia é imenso. Na humanidade, é terrível. Apenas o Brasil, até o momento, abarca mais de 200 mil contaminados e quase 14 mil mortes. É um abalo muito grande para a economia de uma nação que até o ano passado respirava otimismo e lutava para melhorar a vida dos brasileiros com a retomada do emprego e renda.

Entretanto, nem tudo está perdido. Crises começam e acabam. Não são perpétuas. Mesmo com o vento não estando a favor é preciso jogar muita água para fazer o eixo

do moinho rodar. A indústria vai ter que aperfeiçoar seus processos de produção e logística. O caminho do futuro é novo e inclui além da tecnologia e inovação, a colaboração e a solidariedade, como aconteceu em nosso estado quando várias fábricas doaram álcool gel, água mineral, equipamentos de proteção à saúde, alimentos e outros itens importantes. O governo federal reanima a economia com a injeção de quase R\$ 1trilhão no mercado.

O Sistema Fiema, engajado nesta cruzada, doou 7.500 cestas básicas para os habitantes dos municípios maranhenses atingidos pelas enchentes. O SESI disponibilizou espaços fixos e unidades Móveis para os sistemas de saúde locais. Distribuiu mais de 10 mil máscaras, vacinas, testes de coronavírus e kits de higiene para idosos. O SENAI fabrica equipamentos de EPI e recupera respiradores hospitalares. A Fiema acompanha os pleitos dos sindicatos associados, conduzindo demandas da categoria industrial com o governo do estado e a prefeitura da Capital.

Como representante da indústria maranhense, apresentou ao governo sugestões e propostas para amenizar os efeitos dessa crise virótica. Mantemos canal direto com empresários, trabalhadores e a sociedade com divulgação de fato material de relevância para quem produz e trabalha. E, apesar do corte de 50% das receitas do SESI e SENAI, os empregos foram mantidos.

O fio da esperança reluz com um grande anunciado. É preciso, neste período, ampliar a discussão dos grandes problemas locais e nacionais. Como também é indispensável criar ambiente para maior entrosamento com os governantes para se estabelecer maior confiança entre as partes. Nesse novo ambiente não sobra espaço para posições pessoais. Ouvir e ser escutado é princípio elementar do processo democrático. Nossas pautas e demandas precisam ter maior eco, porque a lógica determina que não há estado em situação confortável com empresas falidas.

O governo acena com Protocolo de Retomada das atividades no território maranhense. São normas reguladoras que devem ser tratadas como recomendação e não como convenção ou determinação com lastro legal. As empresas não podem continuar sendo penalizadas. Estão no seu limite para escapar da quebradeira.

É preciso que, nesta e em outras ocasiões, governo e iniciativa privada se unam, dando as mãos em prol desse bem comum, o desenvolvimento do Maranhão.

Edilson Baldez das Neves

Presidente da Federação das Indústrias do Estado do Maranhão-FIEMA

Vice-Presidente da Confederação Nacional da Indústria -CNI